



## O CONCEITO DE DEUS NA DOCTRINA ESPÍRITA À LUZ DO PENSAMENTO ARISTOTÉLICO

Ao longo da história da humanidade, crer na existência de Deus sempre esteve na preocupação do ser pensante, e foi no campo da metafísica que cada filósofo apresentou o seu conceito sobre a divindade, conceito que, naturalmente, evoluiu ao longo dos séculos.

No século XIX, o tema é também abordado por Allan Kardec, ao codificar a Doutrina dos Espíritos, colocando-o já no primeiro capítulo de “O Livro dos Espíritos” (1857). Na pergunta 14 apresentada aos Espíritos, Kardec insiste numa definição sobre Deus, ao que os Espíritos lhe respondem: “*Deus existe, não o podeis duvidar, e isso é o essencial*”.

Mais tarde, em “A Gênese” (1868) o problema é colocado de forma clara, ressaltando também a relatividade do entendimento humano, ao dizer que: “*Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Mas, se o homem não pode penetrar o conhecimento de sua essência, desde que aceite a sua existência como premissa, pode, pelo raciocínio, chegar ao conhecimento de seus atributos necessários, pois, vendo o que ele absolutamente não pode deixar de ser, sem cessar de ser Deus, deduz daí o que ele deve ser*”. Essa afirmação é a própria expressão do método adotado por Kardec na codificação da Doutrina Espírita, pela razão, chegando à causa, através da observação e da análise dos efeitos.

Já no século IV a.C. na *Metafísica* Aristóteles<sup>1</sup> afirma que “*todos os homens, por natureza, têm o desejo de conhecer*”... “*conhecer e saber para conhecer e saber*” (Chauí, 1998). Não fugiu à postura de todo homem que usa a **razão** para conhecer, além da observação do mundo que o cerca, levando em conta o pensamento e idéias dos seus antecessores, realizando desse modo uma verdadeira síntese dos pensamentos vigentes. A sua obra abrange várias áreas do conhecimento, sendo por isso mesmo considerado “uma enciclopédia de todos os saberes”. Não poderia, pois, deixar de ocupar-se do objeto por excelência da filosofia que é o ser, postulando na sua *Metafísica* o problema da multiplicidade do ser, reconhecendo-o como tendo uma multiplicidade de sentidos analógicos, correlacionado-o a outros problemas, a começar pela noção de substância.

O ser, segundo a metafísica, é aquilo que é, ou que existe e, sendo assim, ele é tanto atributo como existência. Parmênides<sup>2</sup> introduziu a idéia do ser, mas foi Aristóteles

---

<sup>1</sup> Viveu de 384 a.C. a 322 a.C. Foi o maior pensador do período clássico da cultura grega. A edição completa da sua obra foi editada por Andrônico de Rodes, em Roma, que as separou em lógicas, morais, poéticas e físicas; depois de organizar as obras sobre a física viu-se diante de um grupo de livros sem nome e chamou-os de metafísicas, isto é, “os que vêm depois da física” (B. Mondin, Curso de Filosofia, v. 1).

<sup>2</sup> Nasceu em Eléia e viveu de 530 a 444 a.C.

quem iniciou a discussão em torno do problema do ser: o “ser como ser” pode ser interpretado de duas maneiras, na primeira, o ser é o comum a todos os entes; na segunda, o ser é o ser superior a todos e o princípio de todos. Na Doutrina Espírita o ser superior a todos é Deus, diferenciado de todos os seres como o Ser. O sentido atual de substância é o de essência dos seres. “Na Filosofia Espírita o conceito do ser abrange todas as categorias “daquilo que é”, concordando portanto, com o pensamento filosófico antigo e moderno” (Pires, 1993). O estudo do “ser enquanto ser” é atualmente objeto da ontologia, sendo também objeto da Doutrina Espírita, uma vez que ela se ocupa do ser, observando-o, estudando-o e considerando os seus atributos ônticos, no campo relativo — o Espírito —, e no campo absoluto — Deus (São Marcos, 1997).

Aristóteles assim expressa a postura do homem racional, a exemplo de si mesmo, do seu sentimento diante de cada problema: “apercebe-se de uma dificuldade, reconhece a própria ignorância e, para escapar a ela, entrega-se à reflexão, ao filosofar, à busca da verdade”. No Livro II da *Metafísica* (apud Chauí, 1998), diz ele que:

*“O estudo da verdade é, num sentido, difícil e, noutro, fácil. A prova disto é que ninguém pode alcançar plenamente a verdade, mas ninguém pode perdê-la inteiramente. Cada filósofo tem algo a dizer sobre a Natureza em si mesma; esta contribuição não é nada ou é pouca coisa, mas o conjunto de todas as reflexões produz um resultado fecundo”..*

E, a partir desse despertar o homem não é mais capaz de alienar-se na existência, mas vive numa atitude crítica, trilhando o caminho da sua evolução. No entanto, o resultado fecundo não se esgota, enquanto a razão não atinge a verdade na sua essência, daí expressando o que nela existe de universal.

A filosofia e a ciência buscam ambas a verdade, mas enquanto a ciência permanece no campo do relativo, a filosofia busca o do absoluto, o conhecimento do ser em si. É Aristóteles quem nos apresenta a filosofia como conhecimento possível da coisa em si, do “ser enquanto ser”. Ora, diz ele, “o ser se diz de muitas maneiras”, isto é, o ser possui muitos sentidos, muitas maneiras de ser, e à filosofia cabe conhecer todas elas.

O ponto de partida é a divisão do ser em móvel e imóvel, isto é, sujeito ou não à mudança, à corrupção<sup>3</sup>. Subdivide o ser imóvel em material e imaterial, cabendo à metafísica o estudo do ser imóvel e de ordem imaterial. Estudando o ser, enquanto ser, e as suas propriedades enquanto tal, sem qualquer distinção do tipo deste ou daquele ser, Aristóteles chamou a sua filosofia de “filosofia primeira” ou também “teologia”, ciência que se ocupa das realidades-que-estão-acima-das-realidades-físicas. Aristóteles adota quatro definições para a sua metafísica: a) “indaga as causas e os princípios primeiros ou supremos”; b) “indaga o ser enquanto ser”; c) “indaga a substância”; d) “indaga a causa primeira”.

---

<sup>3</sup> *Corrupção* para a filosofia tem o sentido de decomposição.

Para compreender-se a abordagem que Aristóteles vai dar ao ser, faz-se necessário retroceder no tempo e trazer para esse momento os pensamentos de Parmênides e de Heráclito.

Heráclito<sup>4</sup> vai introduzir na história do pensamento a idéia de movimento, mostrando que em a Natureza as coisas são múltiplas e variáveis, nunca são em definitivo, mas estão em contínua transformação; a lei é o fluir, é a inconstância gerando o devir. Os filósofos de Mileto que o precederam já haviam expressado em seus pensamentos o dinamismo universal das coisas. Heráclito dá um passo à frente na evolução do pensamento colocando o dinamismo como característica essencial do “princípio” que gera, sustenta e reabsorve as coisas.

Parmênides dá ao pensamento um novo rumo, antes voltado para o cosmos e o fundamento das coisas, introduzindo o conceito do ser. A inovação radical que ele traz é a afirmação de que “o que é, é” e a negação “o que não é, não é”. A primeira conclusão a partir desse pensamento é que o Ser não está em devir, não se move, é imóvel, sempre idêntico a si mesmo, portanto, é uno; conseqüentemente, a multiplicidade dos seres não existe, uma vez que a multiplicidade é não-ser, e assim, o ser é indestrutível. O ser imóvel, imutável, indestrutível, uno, é também eterno, pois se não fosse eterno haveria outro ser antes dele ou o nada; ora, o nada não existe. Ainda, sendo eterno, uno, é também único.

Assim, nos sessenta anos aproximados que separam o final da vida de Heráclito e Parmênides, e o nascimento de Aristóteles tem-se a dialética do ser, de um lado múltiplo e sujeito ao devir, portanto, em contínua transformação (na Doutrina Espírita o devir aplica-se ao Princípio Inteligente, o qual estagia e evolui nos três reinos); do outro, eterno, uno, imóvel, indestrutível e pleno (na Doutrina Espírita é Deus). Com Heráclito o ser “torna-se”, com Parmênides o “ser é”.

Aristóteles sintetiza o pensamento de ambos, partindo da reflexão sobre a estrutura do ser, procurando encontrar sob quais pontos de vista se pode considerar qualquer ser, o ser em geral, e atribuir a ele uma definição, cujo processo de conhecimento ele apresenta na obra *Lógica*, no livro das *Categorias*. Como Parmênides postulou que há identidade entre o ser e o pensar, as categorias vão ser para ele tanto diretrizes do pensamento lógico como aspectos reais, embora gerais, de todo ser em geral.

As categorias são maneiras de predicar um ser real (ou de pensar um ser). Aristóteles mesmo as define como “coisas que servem para designar outras”; indicam o que uma coisa é ou faz. São predicados de uma coisa ou de um sujeito. Ele mesmo esclarece porque “se diz o ser de muitas maneiras”:

*“Desde que a predicação afirma às vezes o que uma coisa é, às vezes a sua qualidade, às vezes quantidade, às vezes sua relação, às vezes o que faz ou o que sofre, e às vezes o lugar em que está ou o tempo, segue-se que tudo isto são modos de ser”*( Aristóteles, *Categorias*, apud Chauí, 1998).

---

<sup>4</sup> Heráclito de Éfeso viveu de 540 a 475 a.C.

As categorias, portanto, referem-se às propriedades, aos atributos de um ser dos quais o pensamento racional deverá servir-se para conhecê-lo e exprimi-lo. Podem-se identificar os termos e categorias propostos (postulados) por Aristóteles como usuais no pensamento e na linguagem humana. São elas: substância; quantidade; qualidade; relação; lugar; quando, isto é, tempo; posição; posse; ação.

Com referência às categorias, pode-se analisar a conceituação dada pelos Espíritos a Kardec em resposta à pergunta: “*o que é Deus?*” à luz da lógica aristotélica. O desejo de bem conceituar esse Ser Superior devia ser, de fato, o primeiro ponto a abordar no diálogo com os Espíritos, ainda sem uma compreensão consensual entre os pensadores. A mesma pergunta poderia ter sido feita como “que ser é esse?”, fugindo à antropomorfização, que levaria à pergunta “quem é Deus?” ou “quem é esse Ser?”

Para a Filosofia Espírita Deus é “*substância primeira*” mas, para compreendê-lo na sua essência, há que se lhe conferir atributos, podendo-se fazê-lo segundo as categorias propostas por Aristóteles:

- substância ou essência: Deus é, como Ser único, objeto da metafísica, imóvel, imaterial;
- do que é real podemos predicar a qualidade: Deus é bom, inteligente, justo;
- do que é real podemos predicar também o muito, o pouco, isto é, a quantidade: seus atributos são infinitos, não suscetíveis de aumento nem de diminuição;
- quanto ao lugar, é um Ser onipresente;
- quanto ao tempo, é um Ser eterno;
- quanto à ação é um Ser onipotente;
- quanto à relação com outros seres é supremo ou soberano.

Em consequência à enumeração dos atributos divinos compreendemos Deus na sua *essência*, isto é, no conjunto de atributos, ou qualidades, sem os quais Ele não seria o que é.

Ao indagar os princípios primeiros ou supremos e as causas, Aristóteles buscou aquilo que é responsável pela existência, por toda a realidade de alguma coisa. Para ele, a substância é o fundamento da realidade e do conhecimento: é o que faz haver ser (princípio ontológico), é o que vem antes de todos os seres (princípio lógico), e o que permite haver ciência dos seres (princípio epistemológico). Com estes princípios, para a Doutrina Espírita, Deus substância é o fundamento de toda a realidade, o que vem antes de todos os seres.

Aristóteles parte do movimento observado na natureza para buscar, identificar a causa. Ao dizer que “*tudo o que ocorre ocorre a partir de algo*”, que “*é mister que todo o movido se mova a partir de algo*”, afirma que não há movimento sem causa, ou “*o que ocorre ocorre por algo*”, e refere-se assim à noção de substância. Ser substância, significa ser princípio das modificações. Analogamente ao pensamento de Aristóteles, na resposta dos Espíritos à pergunta número 4 de “O Livro dos Espíritos” feita por Kardec encontramos: “*O Universo existe; ele tem portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa, e avançar que o nada pode fazer alguma coisa*”.

Com essa análise podemos compreender à luz do pensamento de Aristóteles o que Kardec nos coloca, através dos ensinamentos dos Espíritos: *Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas; é uno (único), eterno, imóvel, imaterial, infinitamente ou soberanamente bom e justo, onipotente e onipresente.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, M. **Introdução à História da Filosofia** – Dos pré-socráticos a Aristóteles - v. I, Brasiliense, 1998.

KARDEC, Allan - **O Livro dos Espíritos**, LAKE, 1985.

MONDIN, B. - **Curso de Filosofia**, 3v., v.1, Paulus, 1981, 8<sup>a</sup>. ed..

MORA, J. Ferrater - **Dicionário de Filosofia**, Ed. Martins Fontes, 3<sup>a</sup>. ed. 1998.

MORENTE, M. Garcia - **Fundamentos de Filosofia**, Ed. Mestre Jou, 1980, 8<sup>a</sup>. ed..

PIRES, J.Herculano - **Introdução à Filosofia Espírita**, FEESP, 1993.

REALE, M. - **Introdução à Filosofia**, Ed. Saraiva, 4<sup>a</sup>. ed., 2002.

SÃO MARCOS, Manoel P. - **Filosofia Espírita** (Tomo II), FEESP, 1997.

---

Maria Alba Cincotto

Dr. Engenharia - EPUSP